

Ana Helena Rossi e Germana Henriques Pereira de Sousa

Entrevista com profa. Dra. Inês Oseki-Dépré

Por :

Ana Helena Rossi – Postrad – UnB

Germana Henriques Pereira de Sousa – Postrad – UnB

Pesquisadora e teórica na área dos Estudos da Tradução, professora universitária, tradutora e ensaísta, Inês Oseki-Dépré nasceu em São Paulo e é diplomada pelo Conservatório Dramático de São Paulo. Em 1971, conclui o Doutorado sobre a obra de Michel Butor: “Les recherches formelles dans l’oeuvre de Michel Butor”. Ela segue sua carreira na França como Professeur agrégée de Português no segundo grau, e em seguida na Université de Provence. A autora tem vários artigos e livros publicados tanto na França quanto no Brasil, dentre os quais : Théories et pratiques de la traduction littéraire (1999), De Walter Benjamin à nos jours... (Essai de traductologie) (2007), dentre outros. Inês Oseki-Dépré traduziu vários autores de língua portuguesa para o francês : Antônio Vieira (Le ciel en damier d’étoiles), Fernando Pessoa (Livre de l’inquiétude), Guimarães Rosa (Les premières histoires), Lygia Fagundes Telles (Structure de la bulle de savon), Carlos Drummond de Andrade (Conversation extraordinaire avec une dame de ma connaissance) Haroldo de Campos (Galaxies, Poèmes d’Haroldo de Campos, Haroldo de Campos : une anthologie), Lygia Clark (Catálogo) entre outros. A autora também traduziu os Ecrits de Jacques Lacan (1ª edição 1976, Editora Perspectiva). Ela é membro de várias instituições de tradução e de pesquisa em literatura: ATLAS (Associação dos Tradutores Literários em Arles), SFLGC (Société Française de Littérature Générale et Comparée), CIELAM (Centre interdisciplinaire d’études littéraires d’Aix-Marseille), comitê consultativo internacional da revista TTR (McGill University, Montréal, Québec) para a difusão das teorias contemporâneas da tradução, do conselho de administração do CIPM (Centre International de Poésie de Marseille). Inês Oseki-Dépré colaborou com várias revistas : Impressions du Sud, Docks, Banana Split, Poésie, If, CCP,... A autora realizou várias missões e participou de colóquios internacionais : UFMG, UFSC, PUC-SP, USP, UnB, UFPB (Brasil), Universidad de La Havana (Cuba), Universidade de Hanoi (Viet-nam), Université de Marrakech (Maroc), Universidade de Alger (Argélia), Universidade de Varsóvia (Polónia), Centro Cultural francês de Budapest (Hungria), Université de Provence (França), Università de Bolonha (Itália), Università de Catania, Università de Ragusa (Itália)...

Ana Helena Rossi (AHR) / Germana Henriques Pereira de Sousa (GHPS) : Você é crítica literária e tradutora. Como você aproxima esses dois campos de atuação?

Inês Oseki-Dépré (IOD): Segundo Subirat, traduzir é a melhor maneira de ler. Segundo Haroldo de Campos, a tradução deve ser vista como crítica e criação. Tradução e crítica são ambas atividades provenientes da leitura, estruturalmente ligadas, embora nem sempre o tradutor utilize sua experiência para formular suas observações que permanecem implícitas no ato de traduzir. Tampouco o crítico, quer esteja trabalhando com um texto em sua língua quer em língua estrangeira, nem sempre concretiza a experiência da tradução que está efetuando ao ler e analisar um texto. O fato é que a tomada de consciência dessa proximidade (tradução e crítica) associada a minha formação teórica (a França dos anos 70) me levou a articular os dois campos. Também

beneficiei da influência de Roman Jakobson com quem estabeleci laços de amizade e para o qual a crítica, a análise literárias são tratadas com a mesma atenção e com base nas estruturas essenciais da linguagem. Assim, quando realizei minha primeira tradução “oficial”, as *Primeiras histórias* de João Guimarães Rosa, já a realizei consciente dos problemas não só lingüísticos (prosódicos, fônicos, lexicais) mas também dos problemas literários que o texto levanta. Tentei formular em seguida minhas observações de maneira crítica e estruturada.

AHR/GHPS: Nos seus trabalhos de tradução, como você se inscreve enquanto autora do texto traduzido?

IOD: É evidente que o tradutor é um autor e que a subjetividade dele se encontra na tradução que realiza. Sei que sou autora das minhas traduções e assumo essa autoria, mas não poderia dizer (“o estilo é o sujeito”) até que ponto minha atuação se impõe sobre o texto traduzido. O que eu posso pensar é no conceito de “liberdade mimética” caro ao Pound, espécie de oxímoro em que eu me identifico. Assim, contrariamente ao que pensa Schleiermacher, minha tradução é mais uma “imitação” do texto traduzido (o autor fala por mim), mas essa imitação pode ser às vezes considerada como uma “recriação” também que eu assumo quando posso assumir.

AHR/GHPS: Você é tradutora de Haroldo de Campos para o francês e foi uma amiga pessoal do crítico e tradutor brasileiro? Quais são as confluências, se é que elas existem, entre seu trabalho e o do Haroldo no campo da tradução como criação e como crítica?

IOD: O Haroldo, antes de ser crítico e tradutor, foi um poeta. Não é o meu caso, pelo menos oficialmente. Nossa convergência provém dos nossos mestres comuns: Roman Jakobson (e a função poética) e Walter Benjamin (visar a intenção do texto). Não chegaria a dizer que nossas traduções se parecem, seria muita pretensão. O que eu tento fazer é ilustrar como ele o princípio de *isomorfismo* que ele define como o princípio tradutivo essencial.

AHR/GHPS: Como tradutora de literatura brasileira na França e pesquisadora brasileira, como você avalia as traduções e a recepção da literatura brasileira na França hoje?

IOD: Devo dizer que traduzi não somente textos de literatura brasileira como alguns de literatura portuguesa, principalmente os que ficaram fazendo parte do patrimônio cultural brasileiro (como Vieira e Pessoa). Sua pergunta é dupla: a resposta não é a mesma para o caso das traduções e para o caso da recepção da literatura brasileira.

As traduções da literatura brasileira seguiram o mesmo percurso que as traduções da literatura estrangeira em geral, passaram a ser mais próximas do original e isso em grande parte devido as intervenções de críticos e de filósofos na linha de Antoine Berman (eu em pequena escala). Os editores passaram a aceitar (Gallimard, Seuil e outros grandes editores fazendo exceção) que as traduções fossem mais fiéis (sem deixar de serem “belas”), os tradutores se tornaram mais críticos e se esforçam em dar conta do estilo original. As traduções de obras brasileiras fazem parte dessa história e eu não sou mais tão ovelha negra nesse panorama, como pude parecer quando da publicação das *Premières Histoires* (1982) pela Editora Métailié.

Quanto à recepção, penso que a questão é diferente. Não creio que haja *uma* recepção da literatura brasileira como tal. Entre Jorge Amado e Paulo Coelho não existem laços comuns nem tampouco com os outros escritores (alguns excelentes) da nossa literatura. Portanto os dois

autores citados são identificados como brasileiros, o que não sucede com outros autores do nosso patrimônio. Em outras palavras, a recepção da literatura brasileira na França permanece fragmentada, dispersa, nebulosa.

É a questão da amnésia que evoquei num estudo particular...

AHR/GHPS: Você tem duas obras fundamentais para os estudos da tradução, ambas publicadas em grandes editoras francesas, discorra sobre os pontos cruciais da área da tradução literária tratados nessas obras.

IOD: Sua pergunta pede uma dissertação que não vou fazer aqui no quadro desta entrevista... Os pontos cruciais, por outro lado, não serão os mesmos vistos por mim e pelos leitores. Se eu tivesse de fazer um “abstract” desses livros, eu diria:

Em *Teoria e Prática da Tradução Literária* procurei construir uma tipologia das categorias teóricas existentes até hoje no campo da tradução. Na segunda parte do livro propus uma análise diacrônica (*Eneida*, de Virgílio) e uma análise sincrônica de traduções (“O Corvo”, de Edgar Allan Poe), além de um auto-comentário (“Famigerado”, de João Guimarães Rosa). O que é implícito no livro, porém, é a tentativa de fornecer respostas históricas ao problema da tradução etnocêntrica (francesa) e também de mostrar que, como diria um amigo meu, “na prática a teoria muda”...

Em *De Walter Benjamin à nos jours*, pensei em apresentar algumas das diversas correntes tradutológicas que se sucederam no decorrer da história depois do famoso texto de Walter Benjamin (“A Tarefa do Tradutor”, 1926) e que se afastaram da perspectiva do filósofo alemão. Também nesse livro apresento “casos” de aplicação teórica da reflexão tradutológica sobre textos ou problemas literários (a metáfora e a loucura, o sujeito da tradução, o horizonte do tradutor).

AHR/GHPS: Quais as contribuições que essas obras trazem aos estudos da tradução hoje no mundo, e qual a sua (própria) contribuição mais marcante para os estudos da tradução?

IOD: Se eu respondesse a essa pergunta daria mostra de muita hybris, não é? Acho modestamente que minha contribuição essencial concerne a literatura comparada que inicialmente não se ocupava de questões de tradução literária. Também penso ter mostrado principalmente através dos meus estudos literários, o caminho de uma pesquisa aplicada que associe a teoria literária, a tradutologia, que mostre o laço inextricável que une crítica, teoria e tradução.

Inês Oseki-Dépré

Rio de Janeiro, Setembro 2012

--